

## **Erico Verissimo: um “pintor” brasileiro de Israel**

Erico Verissimo: a Brazilian “painter” of Israel

Luciara Lourdes de Assis\*

**Resumo:** O escritor brasileiro Erico Verissimo viajou a Israel em abril de 1966, na companhia da esposa, a convite do Ministério de Negócios Estrangeiros daquele país. As anotações feitas por Verissimo durante o percurso pelas principais cidades israelenses foram transformadas no livro *Israel em abril*, escrito e publicado três anos após a viagem. Juntamente com os manuscritos da obra, o escritor enviou ao seu editor uma carta, na qual afirma que sua intenção ao iniciar o livro “era ‘pintar’ Israel com a despreocupada alegria lúdica dum artista em férias”. Entretanto, no decorrer do trabalho, ao perceber que começava a fazer “perguntas perigosas” como “Que são os judeus? Uma raça? Um povo? Um conjunto de tribos unidas por uma religião comum?”, Verissimo deixou que o bom senso prevalecesse e voltou à sua “pintura”. Pretende-se, neste artigo, analisar a obra *Israel em abril*, verificando em que medida o olhar despreocupado do pintor se confunde com o olhar crítico do intelectual no relato de suas impressões em Israel.

**Palavras-chave:** Israel. Viagem. Erico Verissimo.

**Abstract:** The Brazilian writer Erico Verissimo traveled to Israel with his wife in April 1966, invited by Israeli Ministry of Foreign Affairs. The notes made by Verissimo during the route through the major israeli cities were turned into the book *Israel in April*, written and published three years after the trip. The writer sent to his publisher, along with the handwriting of the opus, a letter in which he showed that his intention when he began writing the book “was ‘to paint’ Israel with the playful carefree joy of an artist on vacation”. However, during the work, he realized that he was making “dangerous questions” like “Who are the Jews? A race? A people? An entirety of tribes connected by a common religion?” Then Verissimo let the common sense prevail and went back to his “painting”. In this paper we intend to study the book *Israel in April*, analyzing how the writer’s carefree view mixes together with the critical eye of the intellectual when reporting his impressions in Israel.

**Keywords:** Israel. Travel. Erico Verissimo.

Em abril de 1966, Erico Verissimo viaja a Israel, acompanhado da esposa, Mafalda Verissimo, a convite do Ministério de Negócios Estrangeiros daquele país. Exatamente três anos depois, o romancista gaúcho publica *Israel em abril* qual faz o relato de sua viagem. Ao longo de suas quase trezentas páginas, o texto compõe o retrato de um Estado jovem, fundado menos de vinte anos antes (1948), mas que trazia em seu bojo a história milenar do povo judeu. Embora tenha sido escrito apenas em 1969, o relato conserva o frescor e a novidade das impressões de Verissimo, como se ele as estivesse vivendo e registrando naquele momento.

Juntamente com o manuscrito de *Israel em abril*, Erico Verissimo envia a seu editor uma carta, na qual faz breves comentários e esclarecimentos sobre a obra. Lendo-se o texto literário em face da missiva, é possível levantar algumas discussões sobre o modo pelo qual o escritor confere forma a sua visão sobre Israel. Denominando-se um “pintor”, o escritor afirma não querer mais que elaborar despreziosos quadros sobre a realidade israelense a partir do que presenciara. Entretanto, percebe-se que ele começa a desenvolver análises sobre essa mesma realidade, não se restringindo a apenas retratá-la, conforme sua intenção inicial. Pretende-se, portanto, neste artigo, esboçar uma reflexão sobre *Israel em abril*, verificando em que medida o olhar despreocupado do pintor se mescla com o olhar crítico do intelectual no relato das impressões de sua visita ao Estado israelense.

Erico Verissimo, na carta ao editor, diz ser “um pintor frustrado, um enamorado das formas e das

cores”.<sup>1</sup> Como ele mesmo dá a entender, essa frustração de não ter se dedicado às artes plásticas não seria uma informação nova, mas algo que era “repetidamente dito e escrito”. Dessa forma, um livro de viagem ou de memórias como *Israel em abril* poderia evidenciar a suposta vocação frustrada do escritor, revelando quadros e paisagens compostos não com tinta sobre papel, mas com palavras. Ao percorrer a Planície de Sharom, por exemplo, no segundo dia em terras israelenses, observa:

Olho para a direita e a paisagem muda de figura e cor: vejo suaves outeiros em tons de erva-mate, pomares com árvores floridas, hortas com festivos verdes e, mais longe – horizonte dum terra de siena rosado, com leves toques violáceos – as encostas dos montes de Samaria. (p. 10)

É de se notar o detalhamento pictórico com que Verissimo capta a paisagem, ressaltando-se sua preocupação em descrever, com a máxima exatidão possível, os tons de cores característicos do local. Tal recurso poderia ser utilizado apenas por alguém que possui certo preparo para a arte das cores e das formas. Sua visão não é uniformizante e permite ao leitor formular uma imagem bem precisa do lugar descrito.

As pessoas que o escritor encontra também merecem seu olhar atento e detalhista. Dr. Alexandre Dothan, que havia sido adido cultural na embaixada de Israel no Rio de Janeiro, é assim retratado:

é um homem de altura acima da mediana, corpulento sem ser gordo, a face larga e longa, a pele queimada quase a ponto de lhe dar a aparência de beduíno, num contraste com os olhos dum verde-cinza com pontos dourados. (p. 33)

Entre parênteses, logo depois dessa descrição, esclarece que “prestar atenção a pormenores fisionômicos” (p. 33) constitui um “vício de romancista” (p. 32). Além disso, ele deixa transparecer também um cuidado com o tratamento das cores.

Outra questão apresentada na carta, e que se mostra significativa para a análise de *Israel em abril*, é o papel da memória na vida e no trabalho do escritor. Ao afirmar que simpatiza pela causa dos judeus e do Estado de Israel, salienta que, com isso, não quer dizer que tenha “má vontade” com os países árabes, pois se sente atraído pela cultura islâmica por ter se alimentado das histórias de *As mil e uma noites* na infância e na adolescência. Assim como as memórias infantis e juvenis o levam a conceber o povo árabe de uma determinada forma, as reminiscências de menino afloram enquanto passeia por Israel. Durante o *Seder* – estavam no período pascal –, ao final, quando se recita o jogo verbal que agrada às crianças, Verissimo se lembra da brincadeira de infância: “Cadê o toucinho que estava aqui?”. A recordação leva o escritor a estabelecer um vínculo entre o jogo do *Seder* e o passatempo infantil brasileiro:

Não terá essa pequena estória [do toucinho comido pelo gato] vindo de Portugal para o Brasil, reminiscência dos *Seders* dos sefarditas? E não terão os marranos incluído no brinquedo a parte do padre e da missa para tirarlhe os sabor judaico? (p. 97)

Mais adiante, em Nazaré, é evocada outra cena da infância, ocorrida em uma manhã de 1913, “na cidade não bíblica de Cruz Alta, Rio Grande do Sul” (p. 83). Um menino de oito anos levanta-se de seu banco, seguindo a ordem da professora, e começa a cantar um hino que falava do Menino Jesus caminhando por Nazaré ao lado de São José.

Também as memórias de outras viagens ocorrem ao escritor, mostrando-lhe as semelhanças entre Israel e outros lugares conhecidos:

Aquele trecho de quarteirão com cafés que têm mesas e cadeiras na calçada poderia estar em Paris. E porque esta avenida não se enquadraria à maravilha no Rio de Janeiro? Ou em Belo Horizonte, com este seu ar de “coisa nova”? Ou mesmo em Lima, Peru? Há um momento em que o cheiro de “noite no deserto” combinado com luz fluorescente, me evoca uma das mais limpas cidades dos Estados Unidos: Phoenix, Arizona. Ao passarmos por uma pracinha, Porto Alegre me acena. (p. 26)

Essas “pinturas verbais” e as que estão presentes em todo o livro, de acordo com Verissimo, deveriam traduzir fielmente aos leitores as impressões que teve de Israel e dos israelenses. O escritor explica que, quando começou a elaborar *Israel em abril*, tinha a intenção de “‘pintar’ Israel com a despreocupada alegria lúdica dum artista em férias”. No entanto, a certa altura do trabalho, Verissimo percebe que se vê envolvido por essa “emaranhada e misteriosa selva que é a história dos judeus e do judaísmo”, fazendo-se “perguntas perigosas como – ‘Que são os judeus? Uma raça? Um povo? Um conjunto de tribos unidas por uma religião comum?’”

Todas essas questões em que o escritor se debate podem ser visualizadas no capítulo 6, intitulado “Os judeus e o judaísmo”. Depois de visitar Haifa, retornando a Tel Aviv, no quarto de hotel, Verissimo se encontra à volta com uma tosse e um tema, e nenhum dos dois o deixam dormir. O assunto que tanto o perturba diz respeito à identidade judaica. À pergunta fundamental “o que é o judeu?” somam-se outros questionamentos aos quais o insone escritor tenta responder: “Que terão os judeus em comum?” “Porque vivem nesse ‘esplêndido isolamento?’” “Que características serão mais contraditórias no homem de origem hebraica?”

A partir de então, começa a discorrer sobre o tema, trazendo à cena diversos pensadores que poderiam ajudá-lo a solucionar suas dúvidas. De Erich Kahler, lembra um artigo que traz a ideia de que “os judeus são ‘uma tribo transnacional’, nascida duma religião, que constitui o seu cerne primordial.” (p. 136) Esse caráter transnacional, segundo Kahler, estaria ligado à universalidade do povo judeu. Verissimo, porém, argumenta que essa tese seria rebatida por falta de base científica.

O escritor, em seguida, passa a examinar estereótipos antissemitas atribuídos aos judeus, que têm origem tanto no cristianismo quanto em contextos não religiosos. Verissimo apresenta, assim, em linhas gerais um ensaio do crítico literário Alfred Kazin, para quem os judeus seriam o povo mais verbal da História. O povo da Torá e do Talmude, que têm na Bíblia a sua “pátria verbal”, (p. 143), teria, de acordo com o brasileiro, “a paixão da discussão, da polêmica” (p. 141).

A cabala é o tema seguinte da discussão de Verissimo consigo mesmo. Segundo o escritor, Max I. Dimont defende a tese de que, na Idade Média, o fato de alguns letrados de Israel se dedicarem à cabala representou um “perigoso desvio” (p. 143), que durou séculos. Martin Buber, filósofo e teólogo israelita, também aparece na reflexão de Verissimo: na sua concepção, “a fé religiosa [é] como um diálogo entre o homem e Deus” (p. 144). Israel seria um exemplo, no plano coletivo e nacional, dessa “relação dialogal” (p. 144), humano-divina.

Depois disso, conclui que “os judeus nunca desesperaram de seu futuro e isso os ajudou a sobreviver como povo (ou tribo ou raça) e como religião” (p. 144). Encerrado o “debate”, Verissimo espera dormir, mas não consegue. Então, começa a imaginar uma situação em que vários judeus e não judeus famosos se encontraram em uma praça em dia de feira. Aparecem Karl Marx e os irmãos Marx, Albert Einstein, Davi Ben-Gurion (o primeiro-ministro na época da viagem de Verissimo), Sigmund Freud,

Marc Chagall, Golda Meir, Franz Kafka, Martin Buber, Arnold Tonybee, Alfred Deyfrus, Oswald Splenger e Henry Ford. O narrador estabelece, com algumas dessas personagens, acalorada conversa, e, com outras, um rápido contato, uma troca de olhares ou um breve comentário.

Tonybee, “que não morre de amores pelos judeus”, (p. 145), critica-os por se considerarem o Povo Escolhido. Spengler, intelectual alemão, quando questionado sobre o que é o povo judeu, responde com um simples “Ach!” (p. 149). Freud expõe um raciocínio que leva a crer que o ódio dos cristãos ao judaísmo seja, no fundo, um ódio ao próprio cristianismo. Aparecem novamente as figuras de Tonybee e de Max I. Dimont, esta a última voz que ecoa na praça. Verissimo conclui, a partir das ideias desses vários personagens, que, se o judaísmo deixasse de constituir uma cultura para se tornar uma civilização com a criação do Estado de Israel, estaria se encaminhando para uma decadência, o que levaria ao fim da cultura judaica. Sua hipótese final, porém, é que:

tenho a impressão de que a Diáspora continuará de qualquer modo e, apesar de todas as tentativas dos assimilacionistas, o judaísmo será preservado como religião, como etnia e mesmo como mitologia, graças, entre outras coisas ao sentimento antissemita, manifesto ou latente dos cristãos (p. 156).

Assim, o escritor acredita que a preservação do povo judeu reside em sua capacidade de resistência à assimilação e às forças que lhes são contrárias, principalmente as de cunho antissemitas. O capítulo 6 termina e Verissimo não volta a mais a se questionar sobre os judeus e o judaísmo, pois, como afirma na carta:

Se o bom-senso não me houvesse agarrado a mão, talvez eu tivesse produzido um calhamaço de mil páginas, sem ter sequer “começado” a extrair o mistério e a complexidade dos hebreus – a minoria mais verbal, polêmica, brilhante e ruidosa da espécie humana.

Dessa forma, o que poderia ter se tornado uma obra extensa sobre o povo judeu, sem, no entanto, alcançar o judaísmo em sua complexidade e multiplicidade, resumiu-se a um capítulo de menos de vinte páginas. Ao deixar de lado, portanto, a polêmica, Verissimo volta a pintar as paisagens de Israel, com o mesmo estilo esboçado anteriormente. As cores do presente são combinadas com as do passado, quando, visitando os locais bíblicos, acrescenta os dados históricos pertinentes, compondo quadros vibrantes.

Desse breve percurso pelas páginas de *Israel em abril* fica patente que Erico Verissimo, ao contrário do que afirma repetidas vezes, não parece ser um pintor frustrado. Utilizando como instrumentos de trabalho não tintas e pincéis, mas a palavra, o escritor compõe “aspectos humanos, geográficos e históricos de Israel e da velha Palestina, alguns apenas esboçados em preto e branco, outros – a maioria – na forma de sumárias aquarelas”. Seus retratos literários do país dão mostras do talento do escritor, que maneja as palavras do mesmo modo que um habilidoso pintor manuseia seus materiais na construção de uma verdadeira obra de arte.

Quarenta anos depois da visita de Erico Verissimo, em 2007, um grupo de escritores brasileiros viaja a Israel a convite da Confederação Israelita do Brasil (Conib) e da Embaixada do Brasil em Israel. Entre os convidados, estava Luis Fernando Verissimo, filho de Erico. Na ocasião, Luis Fernando recebeu uma homenagem do Governo de Israel, em nome de seu pai, pela contribuição da obra *Israel em abril* ao desenvolvimento do turismo. A declaração de Verissimo filho durante a homenagem revela o interesse do pai pelos destinos de Israel e aponta a responsabilidade de toda a humanidade para com o Estado:

Se meu pai voltasse aqui hoje, talvez comentasse o triste fato de, 40 anos depois da sua visita, o direito de Israel existir ainda esteja em questão, e os obstáculos continuem os mesmos. E tenho certeza que, sendo um humanista e um pacifista acima de tudo, ele veria como obrigação moral da comunidade humana contribuir para a sobrevivência, a prosperidade e a paz de todos nesta região, judeus e palestinos. Mais uma vez, obrigado. E termino com o que é também a última palavra do livro *Israel em Abril – SHALOM*.<sup>2</sup>

-----

\* **Luciara Lourdes Silva de Assis** é Mestranda em Teoria Literária, no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e Pesquisadora do Núcleo de Estudos Judaicos.

#### Notas

<sup>1</sup> VERISSIMO, Erico. *Israel em abril*. Porto Alegre: Globo, 1970.

<sup>2</sup> VERISSIMO, Luis Fernando. In: *Boletim de notícias da Confederação israelita do Brasil*. n. 29. 06 mar. 2007.

#### Referências:

VERISSIMO, Erico. *Israel em abril*. Porto Alegre: Globo, 1970.

VERISSIMO, Luis Fernando. In: *Boletim de notícias da Confederação israelita do Brasil*. n. 29. 06 mar. 2007. Disponível em: [http://www.ymlp18.com/pubarchive\\_show\\_message.php?conibnews+253](http://www.ymlp18.com/pubarchive_show_message.php?conibnews+253). Acesso em 20 jan. 2010.